




MARIANA CAMPOS
mari.vivabrasilia@gmail.com

Viva Brasília



MIGUEL JABOUR
miguel.vivabrasilia@gmail.com

Embaixada do Líbano recebe Correio em almoço diplomático

O Embaixador do Líbano no Brasil, Elias Nicolas, recebeu o presidente do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, e o empresário Nadim Haddad, em sua residência oficial na capital na última sexta-feira. O elegante almoço com delícias libanesas foi protagonizado por trocas significativas entre os convidados e o anfitrião, que detalhou sua função diplomática e afazeres em Brasília. Por sua vez, Guilherme Machado relembrou a trajetória e história do grupo Diários Associados, fundado por Assis Chateaubriand, do qual o **Correio** faz parte.



Nadim Haddad, o presidente do Correio Braziliense, Guilherme Machado, e o embaixador do Líbano no Brasil, Elias Nicolas



Mariana Monteiro, André Cobbe, Malu Sig, Eliane Martins e Giuliana Morrone

Pinceladas de superação

Malu Sig, a artista plástica brasileira que transformou a própria trajetória em linguagem visual, inaugurou sua primeira exposição individual na noite da última segunda-feira, no Espaço Cultural Evandro Cunha Lima, no Senado Federal. A exposição *Olhares desde o Cerrado*, em cartaz até 19 de dezembro, reúne pinturas de ipês vibrantes, pores do Sol na capital, releituras de obras de Niemeyer e Athos Bulcão, além de abstrações criadas com tinta acrílica e técnicas de diluição. Jornalista formada pela Universidade de Brasília e servidora aposentada do Senado, Maria Lúcia Sigmaringa, que agora se reconhece pelo nome artístico Malu Sig, reencontrou na arte um caminho de reabilitação após sofrer um AVC em 2020, vivência que enche suas telas de emoção, cor e intensidade.



Roberto e Mônica Caldas



Nilson Figueiredo Lucineia Moreli



Vivian Pennacchio e Claudia Simas



A embaixatriz de Malta, Ann Aquilina, Antônio Aversa e o embaixador de Malta, John Aquilina

Arte à mesa

A Mercato Galeria celebrou uma nova etapa de sua trajetória no último sábado ao lançar a Mercato Objeto, espaço dedicado a peças raras de arte e mesa posta. Para testemunhar o momento especial, convidados desfrutaram de um brunch suave, mas animado. A curadoria dos sócios Antonio Aversa e Roberto Corrieri reuniu porcelanas Meissen, Limoges e Vista Alegre, louças alemãs do século XIX, taças Baccarat e outros objetos garimpados mundo afora. Com clima acolhedor, ambientação natalina e três árvores decoradas, a galeria ainda exibiu composições especiais criadas pela arquiteta Maria Paula Leite e pelo arquiteto Hélio Albuquerque, além de arranjos florais de Paulo Prata.



Inigo Pareja, a embaixadora da Espanha María del Mar Fernández-Palacios, Elza Lima, o embaixador da Itália, Alessandro Cortese, a embaixatriz da Itália, Elisavet Macri, Renata Zukin e João André Lima



Letícia Gonzaga, Renata Borsoi, Fernanda Holzbach, Carolina Leal, Liane Padilha e Mariana Arruda

Agenda

Memórias da capital

» O late Clube de Brasília reinaugura o Memorial do late, hoje, com uma exposição de fotos históricas em parceria com a Galeria Celso Jr. e programação que destaca a pioneira Mercedes Urquiza, autora que chegou à capital em 1957 e testemunhou seus primeiros passos. Durante noite de autógrafos, a escritora apresenta seu segundo livro, *A Nova Trilha do Jaguar: de Brasília, Minhas Memórias*, e resgata relatos pessoais e episódios marcantes da construção da cidade. A mostra de fotografias vai expor imagens raras do fotógrafo sueco Åke Borglund, e ficará em cartaz até 22 de dezembro. Entrada gratuita.

Para onde foi o rio?

» O artista visual e cineasta Lino Valente inaugurou ontem sua primeira mostra individual *Na cidade mora um rio*, no Museu Nacional da República. A curadoria de Bens Fonteles reúne fotografias, videoinstalações e projeções criadas a partir de pedaços de filmes do artista, investigando rios desaparecidos no DF e transformando essa busca em narrativas visuais borradas entre memória e invenção. Em cartaz até 15 de fevereiro, a entrada para a exposição é gratuita.

Obra da natureza

» Amanhã, a Pilastra Galeria-Escola estreia a exposição *Murundus: Trilhas do Desejo*, assinada por Belo e Bizarro e Enthyony Sousa. Resultado da Residência Profissionalizante Turma 5, a mostra conta com curadoria de Esther Dutra, Sophia Lopes e Pamela Wyla, e apresenta experimentações em instalação, pintura, gravura e outras pesquisas que dialogam com a materialidade da terra, o imaginário do Cerrado e a presença do “estranho familiar”: formigas, cupins e agentes de decomposição que evocam ciclos, ancestralidade e transformação. Disponível para visitação gratuita até 17 de janeiro.

Confira mais fotos e eventos no blog Viva Brasília. Acesse: newblogs.correiobraziliense.com.br/vivabrasilia



Maria de Lourdes, morta na última sexta, era musicista do 1º RCG



Exames apontam lesões em Maria de Lourdes antes do incêndio dentro do 1º Regimento de Cavalaria de Guarda

Militar levou duas facadas, diz laudo

» ANA CAROLINA ALVES
» DARCIANNE DIOGO

A investigação do feminicídio de Maria de Lourdes Freire Matos, 25 anos, avançou com o resultado dos primeiros exames periciais. Segundo o laudo preliminar, a militar foi atingida por duas facadas letais no pescoço e sofreu uma lesão na barriga compatível com um soco ou uma joelhada, antes de o incêndio ser iniciado no 1º Regimento de Cavalaria de Guarda (RCG), na última sexta-feira.

Após o crime, o autor, o soldado Kelvin Barros da Silva, fugiu em direção ao Paranoá, onde morava. Preso pouco tempo depois por agentes da 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte), responsável pelo caso, ele permanece detido no Batalhão de Polícia do Exército de Brasília.

Kelvin negou o crime, mas, em seguida, confessou. De acordo com o delegado-chefe da 2ª DP, Paulo Noritika, ele apresentou cinco versões sucessivas e contraditórias.

Primeiro, negou qualquer envolvimento. Depois, falou em suposta intimidade sexual com Maria. Em seguida, disse que ela teria tido um surto psicótico. Na versão

seguinte, alegou assédio. Por fim, declarou que a faca usada no feminicídio era sua.

Ao **Correio**, a família da vítima negou qualquer relação entre os dois e acredita que o cargo ocupado pela jovem na Fanfara do 1º RCG possa ter motivado o crime.

O advogado Alexandre Carvalho afirmou que mantém a tese de legítima defesa. Segundo ele, a defesa reúne elementos para comprovar que existia um relacionamento entre Kelvin e Maria. “Os atos secundários, do incêndio e da fuga com a arma, foram condutas de um jovem de 21 anos”, declarou.

Há dois inquéritos em andamento, um na Polícia Civil do DF e outro na Justiça Militar da União (JMU). Em ambos, Kelvin responde por feminicídio, incêndio, furto e fraude processual.

O caso provoca um conflito de competência entre o Tribunal do Júri e a Justiça Militar da União. O Superior Tribunal Militar (STM) afirmou que, por se tratar de crime cometido por militar contra militar, em local sujeito à administração castrense, o julgamento cabe à JMU.

De acordo com o STM, o caso é considerado crime militar, com base na Lei 13.491, de 2017, que ampliou



Na Justiça Militar, o caso é analisado por quatro juízes militares e um juiz de direito; na Justiça comum, seria levado ao Tribunal do Júri, com sete cidadãos no Conselho de Sentença

Marcelo Almeida,
advogado criminalista

a competência da Justiça Militar para julgar delitos previstos fora do Código Penal Militar — como tráfico de drogas, crimes ambientais e também feminicídio, como no caso de Maria de Lourdes. O tribunal explicou, ainda, que o processo será conduzido “com todo o rigor que o caso requer” e que a pena aplicada, em caso de condenação, é a mesma prevista na Justiça comum.

Marcelo Almeida, advogado criminalista e especialista em direito

militar, explica que uma das principais diferenças está na forma de julgamento. “Na Justiça Militar, o caso é analisado por quatro juízes militares e um juiz de direito; na Justiça comum, seria levado ao Tribunal do Júri, com sete cidadãos no Conselho de Sentença”, informa.

O professor de direito penal militar e promotor do Ministério Público do DF, Flávio Milhomem, afirma que a competência é da Justiça Militar da União por envolver militares da ativa dentro de uma unidade do Exército. “A pena é a mesma prevista na Justiça comum”, destaca. Em tese, pode ser aplicado o artigo 121-A do Código Penal, que prevê pena de 20 a 40 anos, mesmo sem vínculo afetivo entre autor e vítima.

Milhomem ressalta que a legislação também prevê o chamado feminicídio não intencional, quando o crime decorre de desprezo ou discriminação contra a condição de mulher. Caso isso não seja reconhecido, o fato pode ser enquadrado como homicídio qualificado pelo Código Penal Militar, com pena de 12 a 30 anos. A decisão caberá ao Ministério Público Militar, após análise dos autos.

Até o fechamento desta edição, o corpo de Maria ainda não havia sido liberado pelo IML para o enterro.